ANO 11.º — Sexta-feira, 8 de Março de 1918 — Numero 514

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54.

Explicando

Quando aqui—por amor aos interesses e progresso desta terra—lembrámos o nome do actual presidente da Comissão Administrativa para o logar de presidente da Câmara Municipal, visto então aproximar-se o acto eleitoral—um pequeno numero de patetoides, que julgam e medem pela obscuridade do seu espirito e pequenez do seu coração, os interesses publicos e a evolução progressiva duma cidade, levantou alta grita contra a nossa atitude e chamou nos tudo que á sua avariada mioleira acudiu nesse momento.

Não havia da nossa parte critério; eramos uns transfugas, perdendo a autoridade moral para mantermos o logar que até ali ocupavamos no conceito publico, visto o sr. dr. Lourenço Peixinho ser evolucionista!

Isto partia, bem entendido, do grupo democratico, ás ordens da Vera-Cruz ou daqueles a quem um sectarismo, aliado a um cégo facciosismo, perturbava por completo o raciocinio.

Mas, se bem nos recorda, já de ha muito, ainda que surdamente, a nossa atitude, livre de peias e de compromissos partidarios, não era do agrado dos que entendem dever aplaudir tudo que venha do seu partido, condenando quanto não tenha essa proveniencia.

Aí já se chegou a escrever num papel, que se diz *democratico*, que nós não sômos republicanos! Estavamos fóra desses principios!

E quem perfilhava essa heresia? Precisamente quem nenhuma autoridade possue que a isso o autorise.

Lembrando agora ao eleitorado o nome dum republicano que acima de tudo coloca a sua fé e a sua crença, mas que não milita nas hostes democraticas, o dr. Francisco Manuel Couceiro da Costa—*anathema sit*—uivam os mesmos que tudo aplaudem, vindo do democratismo, que tão mal corresponderá ás esperanças do país, os patetas com pretenções a dirigentes da politica indigena.

E, como complemento, alguem, que pelos seus conhecimentos deveria ter compreendido todo o nosso objectivo, todas as nossas aspirações ha tanto denunciadas sem obscuridades, observa-nos que, sendo este jornal radical, manifesta, todavia, pela politica que presentemente prepondera, uma como que tacita aprovação.

Estâmos convencidissimos que a admiração traduz um dos caracteristicos do seu autor: procurar embaraçar o proximo e rir-se á sua custa...

Mas ainda que assim seja, aqui registâmos a resposta que os nossos afazeres da ocasião nos não permitiu dar-lhe.

Radicaes, é certo. O nosso radicalismo, porêm, não leva á intransigencia irritante e absoluta de perverter intenções, acompanhando a outra especie de radicaes.

Acima de tudo colocâmos a intangibilidade dos principios republicanos, aplaudindo quantos, pelos seus actos e pelas suas palavras, engrandeçam e dignifiquem esses mesmos principios.

O governo atual derrubou uma politica nefasta e deprimente, que só comprometia o país, pois o escandalisava e conspurcava o regimen.

Tal facto traduziu, sem duvida, um grande beneficio em favor das instituições.

Devemos reprová-lo, excomungá-lo, porque os iniciadores da revolução, representando-a depois no governo e até na chefia do Estado, são republicanos conservadores?

Cremos bem que não, por quanto o conservantismo destes é bem mais proveitoso para a dignificação e respeito da Republica do que as avançadas intransigencias do demagogico democratismo.

O Democrata, repetimo-lo, é hoje o que sempre foi.

E' pura e simplesmente um orgão da Republica.

A sua atitude perante este governo, na logica coerencia do seu modo de vêr, é a mesma que teve com os governos anteriores.

Aqui aplaudimos tudo que mereça o nosso aplauso, á luz do lidimo espirito republicano, sem indagarmos da sua proveniencia nem do nome do seu autor, como combatêmos e condenâmos quanto julgâmos indecoroso e incompativel com um regimen republicano, com umas instituições democraticas.

Expressâmo-nos sempre com plena independencia de espirito. E de tal independencia são fiadoras a nossa lealdade e a nossa estrenua luta pela elevação, pelo respeito de que queremos vêr cercada a Republica.

No entretanto, reivindicâmos a liberdade maxima das nossas opiniões que se concretizam no culto da Democracia. Toda a nossa tarefa é pelo seu aperfeiçoamento, pela sua consolidação.

Para isso pômos de parte, repetimos, o nosso radicalismo, no sentido que dão ao termo, quando assim julgâmos conveniente, manifestando-o e defendendo-o quando o julgâmos necessario e util.

Compreende o nosso amigo?

Films...

Crise

O govêrno saído do movimento revolucionario de 5 de Dezembro vai sofrer a primeira recomposição pelo desacordo que lavra entre alguns dos seus membros e o sr. dr. Sidonio Pais.

Máu prenuncio. Quizeramos antes que ele se conservasse, fizesse administração recta, a almejada administração porque anciamos ha muito, e não se preocupasse tanto com a politica, acabando de dar a impressão de que vivemos num país onde se não trata doutra coisa.

Mas qual? Os nossos estadistas não puxam para esse lado e daí o cáos, se não nos esperar ainda outro cataclismo maior.

O que nos admira é como ha forças que resistam a tanto!...

Queriam mais

O bispo de Vizeu, com quem não mantemos relações nem sequer, de vista, conhecemos, dizem que telegrafou ao sr. Sidonio Pais, por causa da Lei da Separação, nos seguintes termos:

> Respeitosa, mas desassombradamente, venho manifestar a v. ex.ª o meu espanto e desilução pelo decreto da Separação. Permanecem os maiores agravos. As cousas não mudaram por lhes mudarem os nomes. E' lamentavel que á agressão se dê o nome de conquistas liberais.
>
> (s) *Bispo de Vizeu.*

Vê-se que este, exigente como se mostra, não ficou satisfeito. Queria mais

Olhe, reverendo: a Beja, vá a Beja e diga isso aos amigos do D. Sebastião...

FLUTUAÇÕES

Apezar de toda a guerra declarada pelo governo ás coisas do democratismo, estamos vendo, como toda a gente, que agora tambem se adoptaram medidas de moralidade eguaes áquelas que tanto imortalisaram os amigos do sr. Barbosa de Magalhães, cá pela parvonia.

Assim, fica a perder de vista o nosso Chico, se compararmos as suas *flutuações*, por exemplo, com as do sr. capitão Cameira, tambem um dos felizes que vive... neste jardim da Europa á beira-mar plantado...

O melhor da passagem é que, ha dias, um devoto do sr. Sidonio Paes a proposito da moralidade deste caso em relação com a doutrina das novas taboas de Moises, erguidas no Parque Eduardo VII, respondeu-nos que defrontassemos o valor e as pessoas dos dois contemplados: se o de cá abiscoitava cinco ou seis *flutuações*, quantas deveria *gozar* o outro?

E' claro—rodámos sobre os calcanhares e puzemo-nos a... caminho!...

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Ribeiro*.

"O Democrata,,

A proposito do seu aniversario são-lhe enviadas muitas e captivantes saudações

Como nos anos anteriores, este semanário recebeu agora, ao concluir o 10.º ano de existencia, um consideravel numero de bilhetes de amigos, simples conhecidos e de assinantes, demonstrações de afectuosa estima que devéras nos sensibilisaram, obrigando-nos ao público reconhecimento que, indistintamente, a todos dirigimos.

Dos nossos colégas da imprensa tambem alguns houve que nos distinguiram com referencias estremamente amaveis além de honrosas em demasia. Gratos as agradecemos, sobretudo áqueles que quizeram confundir-nos, escrevendo palavras que, nem por serem ditadas por uma intima camaradagem espiritual, as deixamos de considerar exageradas.

Pedimos licença para as arquivar:

De *O Combate*, da Guarda:

"O Democrata,,

Entrou no 11.º ano este nosso colêga de Aveiro que se encontra, como ele diz, dez anos volvidos, no mesmo posto de honra, a defender a mesma doutrina, a pugnar pelos mesmos principios.

E diz mais:

> Chega a ser consolador olhar o passado sem um arrependimento, sem a mais leve contração de espirito! Inimigos? Quem os não tem? Quem os não cria ao empunhar uma pena flagelado-ra dos erros duns, dos vicios de outros, das infamias, das imoralidades, porventura dos crimes de tantos?

Até mesmo, póde dizer-se, que o valor dos combatentes por ideias nobres se afere pelos inimigos que cria, pelos odios que desenvolve. E' uma das mais tristes anomalias da vida. Cada conquista moral, cada degráu de civilisação tem custado rios de sangue. E os seculos passam e o sangue continua a correr, a fraternidade continua a ser apenas uma esperança, a liberdade a tunica dos apostolos crucificados que os crucificadores rasgam em pedaços e jogam sobre a montanha da sua cubiça.

Cumprimentâmos o *Democrata* desejando continuar a vê lo no seu posto de honra em defêsa da Republica.

De *O Povo de Basto*, de Celorico de Basto:

"O Democrata,,

Completou mais um ano de existencia este distinto confráde que sob a direcção inteligente do nosso presado amigo sr. Arnaldo Ribeiro se publica na linda cidade do Vouga.

Criado para a propaganda e defêsa da Republica, os dez anos decorridos da sua vida são prova eloquente de como esse programa tem sido escrupulosamente cumprido, atravez de um sem numero de obstaculos em que teria sossobrado outro qualquer que não possuisse a tempera de Arnaldo Ribeiro de cujas apreciações politicas temos ás vezes discordado, mas a quem prestamos sincéra homenagem pela sua integridade moral e firmeza de convicções republicanas, que tão distintamente vem afirmando na direcção do valente semanário de Aveiro.

Por isso o abraçamos efusivamente, desejando lhe ao seu querido jornal longa vida e todas as prosperidades.

De *A Opinião*, de Oliveira de Azemeis:

"O Democrata,,

Completou na passada sexta-feira mais um ano—o 10.º—da sua publicação aquele nosso presado colêga aveirense, de que é muito digno director o sr. Arnaldo Ribeiro, denodado combatente pelos sãos principios do actual regimen.

Apresentando-lhe as nossas saudações, fazemos votos pelas suas prosperidades.

De *O Desforço*, de Fafe:

"O Democrata,,

Jornal destemido e intransigente, feito com superioridade, pois tem á sua frente um homem talentoso, inergico, de acção que o dirige e redige—Arnaldo Ribeiro, um grande republicano que por se colocar sempre ao lado do Direito, do Bem, da Justiça, tem sido perseguido mas nunca amesquinhado, porque quem combate por um idial nobre nunca o póde ser,—acaba de entrar no 11.º ano de uma existencia heroica e honrada. Por isso *O Desforço*, que tem no seu ilustre colêga um bom amigo, o sauda muito viva e afectuosamente.

PORTES DO CORREIO

A partir do proximo dia 10 entra em vigor a seguinte tabela de portes de correspondencias postais com as alterações introduzidas por decreto do dia 5 e que veem a ser:

Cartas, cada 20 gramas ou fracção	$03,5
Bilhetes postaes simples	$02
Bilhetes postaes de resposta paga	$04
Amostras sem valor, cada 50 gramas	$01
Manuscritos, até 250 gramas	$03,5
Cada 50 gramas mais	$01
Avisos de recepção de objectos registados	$03,5

Seja assim

Dum postal recebido após a distribuição do ultimo numero desta folha:

Diz o *joven Democrata*
Que a Maria da Cruz
E' simpatica menina;
Mas co'a idade não atina,
Pois os anos lhe reduz
De maneira um pouco *rata*.
Concordo co'a simpatia,
Co' os olhos pretos e o mais
Que encontrou na pequena;
Concordo até que é morena,
De formas esculturais,
De elegante bizarria;
Mas as 20 primaveras
E' que me fazem calôr,
E, se quizer que lhe prove
Que ela já fez *vinte e nove*,
Vâmos ali ao prior,
E verá que errou nas éras.

4—3—1918.

G. J.

Agradecimento

Na impossibilidade de agradecer pessoalmente a quantos por mim se interessaram durante a gráve doença que ha perto de 4 mezes me acometeu, as provas de atenção, carinho ou amizade que se dignaram dispensar-me, venho fazê-lo, por este meio, comovidamente.

Tantas manifestações de estima recebi, muitas sob uma fórma tão penhorante e sensibilisadora, desde as do Chefe do Estado até ás do mais humilde dos meus visinhos, que me sinto confundido, não me supondo de tanto merecedor, jámais podendo esquecer as pêssoas, as palavras e os gestos amigos que me cercaram e acompanharam nas horas criticas que passei.

De meu dever julgo especialisar neste momento os meus distintos clinicos que me trataram: o sr. Professor dr. Elisio de Moura, ilustre ornamento da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e os medicos assistentes, os meus queridos amigos srs. drs. Samuel Tavares Maia e Lourenço Simões Peixinho a cujo saber, devoção e inexcedivel solicitude, creio dever hoje a minha vida.

A todos, pois, os que prestando-me tão desinteressadamente os seus serviços, a todos os que me honraram com a sua visita ou que por meio de telegramas, cartas e informações pedidas a pessoas amigas ou de familia cuidaram de saber da minha saúde, á imprensa que teve para mim palavras de favor e bondade e ainda ao povo da minha aldeia que me deu provas de simpatia e amizade que eu tomei em elevado apreço, aqui deixo consignado o meu profundo reconhecimento e o protesto da minha eterna gratidão.

Aveiro (Bomsucesso), 5 de março de 1918.

Alberto Souto

A epidemia do tifo

—(*)—

O que sobre este gravissimo assunto teriamos hoje que dizer, fa-lo por nós o autor desta carta que nos foi enviada:

... Sr. Redactor

Com independencia e verdade, tem v. referido no seu jornal o perigo que a todos nós ameaça a realisação da Feira de Março, distante apenas 20 dias, quando vêmos que a epidemia aumenta e se estende horrivelmente por Gaia, Espinho e tantos outros pontos, irradiação proveniente do Porto, de onde acódem, na maior parte, os feirantes que aqui negoceiam, assim como outros que virão, esteja certo, de logares já atacados ou que, pelo menos, atravessam a principal zona infeccionada, o que já é suficientemente perigoso.

A exigencia da inspecção por meio do boletim é inutil, já como ela se faz em toda a parte, já porque não evita que em Aveiro apareçam, vindos do Porto, quantos individuos queiram isentar-se da inspecção medica, bastando para isso indicar, á partida, outro ponto que não aquele para onde, de facto, se dirijam.

A epidemia está tomando, pelo Porto, proporções verdadeiramente assustadoras e a próva vê-se que por mais hospitaes que se organisem não chegam para o numero de infeccionados, embora o combate contra a peste seja formidavel.

Contudo para a sua propagação ha numerosos e variados factores que se escapam sempre á mais apertada fiscalisação, quanto mais áquela que se está fazendo e vem expressa nas seguintes linhas do *Janeiro*, de terça-feira:

Dois factos chegaram ao nosso conhecimento que depõem muito desfavoravelmente contra a fórma, como parece estão correndo os serviços de revisão medica nas estações dos caminhos de ferro.

Um deles diz respeito a um individuo que seguiu do Porto para Braga, verificando o funcionario de saude que o inspeccionou naquela cidade que ele tinha uma temperatura de 40.°, e os sinaes mais caracteristicos do tifo exantematico, já desenvolvido!

O outro caso, e esse ainda de mais gravidade, ter-se-ía dado, segundo as nossas informações, com um individuo que se apresentou em Vila Nova de Famalicão com guia sanitaria passada numa estação desta cidade, na qual se declarava estar ele em perfeito estado de saude e que mal ali chegou faleceu de tifo exantematico!

Ora que necessidade temos que tal aqui suceda, desenvolvendo-se entre nós tamanha calamidade, para a qual não ha recolhimentos de qualquer especie, a não ser o pavilhão que se destina a tuberculosos, junto ao hospital, e que o sr. dr. Lourenço Peixinho, num louvavel e benemerito gesto, a troco do qual conseguiu 1:500 escudos, se comprometeu preparar para reserva-lo aos tifosos? Se o mal nos atacasse, apesar de todos os esforços negativos, compreende-se; mas importa-lo voluntariamente, a troco da realisação dum mercado, que já não tem razão de existir e que nada se perde em adia-lo, é que se não admite, sem o maior protesto e responsabilidades devidamente estabelecidas.

O tifo não ataca sómente os andrajosos, os desamparados, os sujos.

Ataca todos e como exemplo aí vai o que diz o correspondente de Braga para um jornal do Porto, em data de 4:

No hospital para tifosos instalado no edificio do antigo colegio do Espirito Santo foi ontem internado o sr. Waldemar de Azevedo, que foi empregado da inspecção de finanças e que demorára recentemente uma temporada no Porto, sendo constatado nele os sintomas do tifo exantomatico.

Ora um empregado de finanças não deve ser um piolhoso, não póde ser um maltrapilho e, por certo, não conviveu com estes no Porto enquanto ali se demorou.

Mas aqui tudo se faz e resolve sem reflexão, nem ponderação, nem critério.

Acham bem que a troco da feira se importe o tifo?

A quem os orfãos, as viuvas e os enlutados terão de pedir contas?

Isso é que se torna preciso saber.

A alguem hade caber essa responsabilidade; alguem que, devendo intervir e prevenir, pretende remediar... sem proveito.

Aplaudo tudo quanto sobre este assunto tem v. dito e continue dizendo na mesma ordem de ideias.

Am.° obrg.°

Aveiro, 5—III—1918.

J. M. R.

Silencio sepulcral

Todos os dias, numa avidez insaciavel, lêmos de fio a pavio, jornaes do Porto, Lisboa, Coimbra, Aveiro — especialmente os dois orgãos democraticos, não falando no outro das *4 creanças, cujas a mais velha tem 7 anos*—a vêr, a vêr a vêr, enfim, se se faz uma luz, ainda que pequena, muito pequena, pequenissima mesmo, sobre a sorte, sobre o triste destino daqueles 100:000 francos—30 contitos—um páu por um olho—que o sr. Barbosa de Magalhães, quando ministro da instrução mandou para París, destinados ao sr. João Chagas, mas de que até á data não ha noticias, continuando o misterio a envolver tão extraordinario caso.

A proposito de tudo e de nada, do mais pequeno acontecimento, fervilham as cartas explicativas, elucidando o respeitavel público. Pela aparição daquela que noutro logar publicamos do homem de Santarem surgiram mais cinco: uma do sr. general Barreto, outra do sr. José d'Abreu, outra do sr. Germano Martins, outra do verdadeiro e autentico director do *Debate* e ainda outra do proprio autor da carta apreendida.

Pois senhores: sobre o caso dos 100:000 francos é que não houve meio de apanhar uma leve, mas precisa—e indispensavel—explicação do sr. Barbosa de Magalhães, ministro da instrução, quando dessa *confusão*, que muitos chamam *encravação* e outros *entalação*.

Depois temos má lingua...

PELA IMPRENSA

"O Despertar"

Completou o primeiro ano este bem redigido bi-semanário republicano independente de Coimbra de que é proprietario e administrador o sr. João Henriques.

Enviâmos-lhe as saudações a que tem jus pelos bons serviços que presta ás instituições e á região onde se publica, defendendo os seus interesses.

EDIFICANTE

O governo torna publica uma carta apreendida ao sr. dr. Germano Martins, que define o democratismo

Como se sabe, foi ha dias preso em Lisboa, sendo ao fim de algumas horas, poucas, restituido á liberdade, o sr. dr. Germano Martins, que desempenha um alto cargo no ministerio da justiça e é, alem disso, um dos marechaes do partido democratico.

Convidado s. ex.ª a apresentar os documentos de que porventura fosse portador, eis que uma carta aparece endereçada, diz a nota do governo, ao sr. dr. José de Abreu, cunhado do ex-presidente de ministros, Afonso Costa, na qual, entre outras coisas, Fernando de Carvalho, seu signatario, escreve depois de insultar o chefe do Estado e os membros do ministerio:

Que ele e eles serão a justificação moral e intelectual do Afonso. A regulamentação do jogo; as reivindicações das U. O. N.; as subsistencias, etc., tudo isto e outros factores minimos, mas fortes, por correlação, por intimidade, é o pantano onde hade caír, afogar-se, entrampar-se este governo.

A imprensa—diz—não deixa perceber todo este resmungar de inequivocos mal-estares, todo este latir de esfaimados... A imprensa! Vidé a *Manhã*! Que ignobil! Que porca! Não é porque eu lhe condenasse a atitude a quando estavamos no poder. Combatiam-nos. Está certo. E vieram estes homens, em nome da liberdade oprimida, e o paladino dos principios puros da democracia —esse gajote do Mayer—sem uma palavra! E sem uma palavra—aonde tem muitas palavras de ingratidão, de traição de Judas!—esse malandro do Derouet! A fabula da vibora estanhada nas glabras faces desse menino do côro! Burros! Estupidamente burros, para honra de burros espertos, que os ha, pacientemente dispostos a ajudar o homem... Um dia virá! A justiça será feita. Por enquanto a coisa vai indo: subvenções a torto e a direito... Mezes não serão precisos muitos para a scena mudar como nas magicas... E nós, os perseguidos e os batidos? Nós? Que fazer? Que plano? Que formula? Resposta simples, telegrafica, sintética; resposta que é todo um baralhar formidavel de defêsa e ataque, de resistencia e de ofensiva. E' esta: Oportunismo... oportunismo.. Nada de impaciencias! Nada de irritações! Serenidade; calma; mãos nos nervos! Aproveitar todas as razões, todas, cataloga-las, maneja-las. São milhões delas. Não as querem vêr certos; mas, passa a fumarada de polvora que os cega e eles verão. Visto isso, revolução? perguntarás tu. Não é assim. Não, porque ainda é cêdo, porque estâmos desorganisados, dispersos. Ao primeiro gesto, esse gesto ficando no ar isolado, fulminante, seria a nossa pulverisação. E, consequencia: resultado contraproducente.

Os nossos inimigos, tendo mais um pretexto para violencias, mais se fortificariam. Donde: revolução, não! Mas quedarmo-nos? Mas se não nos podemos mecher; se não temos imprensa; se não temos casas coletivas, onde nos possamos reunir e orientar os nossos esforços; se presos os nossos chefes, se não... Pois a remar contra tudo isso, vá de fazer trabalho secreto, organisando grupos, escolhendo bem os dedicados, os decididos.

Entretanto, o vacuo ter-se-á feito inevitavelmente á volta do governo. Ter-se-á visto embaraçado terrivelmente em todos esses assuntos terriveis, que são verdadeiras féras a aguçar os dentes... Entretanto o *pandemonium* crescerá em volta e ninguem se entenderá. A opinião publica vá de arrefecer; os tribunais terão duas correntes: uma legalista constitucional, a outra aventureira, anti-legal, anti-constitucional, e então... então essa toda organisação secreta aprestada dará a revolução. De onde revolução, sim! Mas primeiro que eles se liquidem lá em cima, ás proprias mãos dos deles... que eles tenham atraído as maldições dos famintos e a massa geral do publico lhe tenha voltado as costas... e se, entretanto, não fôr preciso esse socão brutal, a tiro, melhor. Esperar, pois.

A *gréve* geral desenha-se. Os da U. O. N. impacientam-se. A coisa promete! O governo tem força, mas a força dos que não querem bater-se... em França, ainda que tenham de bater-se... em Portugal, em inglorias lutas fratricidas!

Por enquanto, repito, tudo vai bem; mas a coisa promete. A dança hade ser violenta. Mas, paralelamente a essa organisação secreta, venha outra ás claras. Entendem uns que, a respeito de eleições, a fórmula deve ser abstenção. Entendo o contrario. Bem sei as dificuldades: dispersos nós, desorientados por falta de chefes .. bem as sei. Se a derrota fôr trespassar-nos, paciencia... Nunca tanta fé me iluminou! Tambem nunca raiva tão forte me sacudiu! Ser vencido... pelo Machado Santos... pelo Sidonio!!! Bem: calmamente aceito a força do destino.

Tinha deixado assim esta carta quando hoje vejo a tua. Deu-me uma grande alegria. Então o Derouet atreveu-se a visitar o U. A. C. e o C. E. R. S. O.? Que falta de pudor! Abençoados, voltando-lhe as costas. Então: nada de desânimo? Bem. Vejo que estamos de acordo. A tua opinião é dum valor extraordinario, por tudo, e ainda porque estando tu em contacto com fulano e cicrano, que representam e marcam certamente, essa tua opinião é em concordancia com a deles. Bem. O que eu lamento é estar aqui na insipidez desta terra! O que eu lamento! Aí ainda eu podia trabalhar, mexer-me. Agora aqui, aqui onde o partido não fez senão asneiras! O partido, não, mas partidarios, o que dá o mesmo, tanto as responsabilidades trasbordam. Eles a fechar-nos a todos, prisões, bombas, cujo emprego foi até ao da arma eleitoral, asneiras. No entanto vâmos reagindo na nossa propaganda cá pela tropa. Mas os nossos elementos, e valiosos, que foram... transferidos... Adiante. Tudo se remediará.

E tu, quando escreveres, breve e muitas vezes, preciso noticias, boatos verosimeis, coisas; mas não assines a carta. Receio destes cavalheiros daqui. Por meu irmão vão *Debate*. Leva-os para a Penitenciaria. Anima essa gente. Os nossos amigos? O Barreto, coitado! Um grande abraço do amigo e correligionario. Ao Magalhães as minhas saudades e meu pedido insistente para que concorra lá pelos ministerios, a vêr se não me tiram o emprego e não me vexam com sindicancias... Diz-lhe que espero a desforra absoluta; mas que, nessa altura, póde contar cegamente com a nossa generosidade... a menos para os que devemos—sem favor... enforcar.

P. E.—O *Portugal* vai saír. Com que orientação? A mesma que tinha, marcando uma corrente de dissidencias dentro do partido, ou, arrependido e esquecido do que lá vai sai a defender, sem outro fim que não seja o de fortalecer o partido? Responde.—*Fernando Carvalho.*

Quem é este sr. Fernando de Carvalho? Não importa sabe-lo. Para dar valor á carta basta que ela tivesse sido apreendida ao sr. Germano Martins e que se note o empenho que a imprensa democratica tem de lhe diminuir o significado. Eis tudo.

De resto, a fobia republicana do sr. Fernando de Carvalho fica posta a descoberto quando ao mesmo tempo que envia saudades ao Magalhães, lhe pede *insistentemente para que concorra lá pelos ministerios a vêr se não lhe tiram o emprego nem o vexam com sindicancias*. E' talvez esse o ponto essencial, o motivo que levou o tal Carvalho a escrever o que aí fica exarado como uma prova das maquinações do democratismo contra aqueles que o sacudiram do Poder.

E que despreso que ele mostra ter pela imprensa, sobre tudo pelos jornais como a *Manhã*! E' logico e só lamentamos que este colega nãs tivesse a serenidade precisa para lhe responder á letra.

Jornais como a *Manhã*! O seu maior elogio, entendemos nós, está precisamente em não agradar aos republicanos como o sr. Fernando de Carvalho. Aos republicanos, muito republicanos, muito revolucionarios, muito patriotas, mas... *o Magalhães que concorra lá pelos ministérios a vêr se não me tiram o emprego nem me vexam com sindicancias*.

Querem um exemplar de republicano mais completo? Terá muitos que o igualem; que o excedam, porém, na sua fé, nas suas convicções, só se fôrem, ali, os correligionarios da Vera Cruz.

Mas então era com gente desta ordem, partidarios deste estôfo, que o sr. Afonso Costa queria prestigiar-se?

Ora adeus...

RENASCENÇA PORTUGUEZA

Têve logar no domingo a inauguração duma livraria que adoptou o nome da epigrafe e é obra de alguns literatos empenhados em espalhar no país o gosto pela boa leitura.

Fica situada á Rua Martires da Liberdade, 174-178, encontrando-se anexa uma exposição permanente de arte que ainda maior realce i nprime ao novo estabelecimento.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques de *Valeriano*, e no da Praça Marquez de Pombal.

Notas mundanas

Chegou no Portugal a Lisboa, vindo de Loanda, o nosso querido amigo e estimado conterraneo, sr. Francisco Vieira da Costa, que se faz acompanhar de sua esposa e interessantes filhos.

E' esperado brevemente em Aveiro, mas nós apressamo-nos a enviar-lhe um grande abraço pelo seu feliz regresso enquanto pessoalmente lho não podemos dar.

✠ *Afim de fazer serviço no hospital militar de Coimbra seguiu para aquela cidade o sr. João Rodrigues Conde.*

✠ *Com destino ao Minho, onde conta demorar-se algumas semanas, embarcou o nosso assinante do Carregal, sr. Manuel Antonio da Silva.*

✠ *Encontra se em Ovar o sr. Joaquim dos Santos, natural de Bustos.*

Subsistencias

—(*)—

Foi recebida comunicação de que devem por estes dias chegar quatro vagons de milho, ou sejam 40:000 quilos.

Temos, pois, assegurado para um mez, a farinha para a brôa, sendo certo que este resultado, embora deficiente, se deve aos esforços da Comissão de Subsistencias conjugados com os da fabrica Cristo & C.ª, junto da Comissão Central de Lisboa.

Bom seria que taes esforços se renovassem de fórma a conseguir dentro de curto praso outra remessa, de tão negras côres se nos afigura já o dia de ámanhã.

O açucar principia a escassear e daí a sua elevação de preço, apezar da disposição estabelecida num decreto de que seriam entregues ao governo, para destino ulterior, todos aqueles que excedessem na venda, o preço da tabela.

Pois o governo é duas vezes ludibriado: no primitivo preço que o negociante deu ao açucar, elevando-lhe a qualidade, e agora que torna de novo a eleva-lo porque ele escasseia.

E a disposição da lei?

Ficará para as calendas gregas. Mas o que para lá não fica é a diferença cada vez maior com que o consumidor tem de satisfazer as exigencias da exploração deshumana e cruel que se está exercendo sobre a miseria publica —sem o mais leve estorvo de quem compete, por honra e dignidade propria, intervir contra o desatino de que sômos vitimas.

Autoridades? Estão nas secretarías, especialmente no fim do mez para assinarem o recibo.

O peixe continua sendo açambarcado nas bochechas do publico que não tem o direito de o adquirir, a não ser do rebotalho que deixam os que negoceiam com a sua exportação.

O bom peixe, graúdo e variado, que aparece, é só para vista recreativa do publico aveirense. Mais nada.

O pão, o tal pão com 54 gramas cada, que o snr. governador civil e a Comissão de Subsistencias garantiu durante 80 dias, foi um ar que lhe deu.

Nem dessa farinha nem com tal pezo aparece em determinadas padarias. O desprêso mais completo pelas determinações da autoridade e o seguimento da ganancia e do roubo mais descarado que ha memoria.

Instâmos por providencias de quem compete.

NECROLOGIA

Por falecimento de seu sogro e cunhado encontra-se de luto o sr. Manuel dos Santos Ferreira, nosso presado amigo da Povoa do Forno, a quem enviâmos sentimentos.

Leitura quaresmal

EXAME DE CONSCIENCIA

Eva e Adão foram dois desasisados,
Deram causa á má sorte dos humanos
Por isso todos nós temos pecados,
Uns capitaes e uns outros... suburbanos.

Os meus eu tenho como toda a gente
Que se preza de ser um filho de Eva.
E tantos eles são que, certamente,
A alguns milhões a conta já se eleva.

Passo por alto os simples, os pequenos
Os que a Doutrina chama de *venaes*,
Pois contando os que tem por causa Venus
Vão a meio milhão; talvez a mais...

Vem a Quaresma. O exame de consciencia
E' tempo de fazer; o exame faço.
E corro ao Tribunal da Penitencia
A vêr, enfim, se d'eles me desembaraço.

E o exame começo. Os sete *pontos*
— Que são sete os pecados capitaes —
Analiso um por um; estudo-os, conto-os,
A vêr se os tenho n'alma e como eguaes.

SOBERBA. N'alma este por certo eu tenho,
Nos seus aspectos multiplos, diversos.
Tenho o orgulho de ser senhor do engenho
Que fabricou o melado dos meus versos.

AVAREZA. Bem sei que sou um avaro
Quero só para mim os desejos dela.
Peça quem m'os pedir, que aqui declaro,
Deles não cedo a minima parcela.

IRA. Sinto-a feroz. Furias, rancores,
Odios, raivas, ou como lhes chameis,
Dos meus féros, fatidicos credores
Que me escrevem cartinhas cada mez.

GULA. Quem não na tem? Quem ha que a dome
Quando está sem vintem, ou está de diéta,
E sente, á porta de um hotel, com fóme,
Uma feijoada a trescalar, completa?

LUXURIA. O' vil pecado que o demonio
Nos pôz no olhar, no olfato e até no gosto.
Eu sinto as tentações de Santo Antonio
Sem ter coragem de voltar o rosto!

INVEJA. Invejo sim; porque nega-lo?
O farto Crezo que o seu ouro esconde
E anda de *limousine* e eu a *cava-lo*
(A cavar o dinheiro) ando de *bonde!*

PREGUIÇA. O' vil pecado delicioso!
Cultivo-te tambem; de ti me valho
Por gozar o brahmanico repouso
E só por consegui-lo é que trabalho!

Sete pecados capitaes. Apenas?
Tão reduzida é a lista dos pecados?
De cada um d'eles eu já fiz centenas
De milhares, milhões multiplicados!

Pecado! E's tu, de facto e de direito
Senhor da humana gente endemoniada:
— Para servir-te um corpo aos gozos feito,
Para querer-te uma alma ao demo dada!

Eis terminado de consciencia o exame:
Mereço Torquemada e o Santo Oficio!
E maldigo o Demonio, horrendo e infame
Que fez assim, tão tentador, o vicio!

E volto leve e santo e tendo ouvido
Conselhos sãos, serenos mas cortezes,
De tanto haver pecado, arrependido
Mas certo de ir pecar muito mais vezes...

D. X.

SERA' ASSIM?

——(*)——

Ainda sobre o assunto tratado com esta epigrafe, o correspondente de Lisboa para um jornal do Porto, diz:

Confirmo a noticia ácêrca do sr. dr. Afonso Costa abandonar a politica partidaria.

Procurei uma pessoa de familia daquele senhor e muito intima dele que me contou o seguinte:

De facto, o sr. dr. Afonso Costa resolveu abandonar a politica. Assim m'o tinha já dado a intender no Porto, momentos antes da sua prisão.

Nunca mais chefiará qualquer partido politico ou mesmo tomará parte em qualquer ministério.

Continuará sendo republicano como sempre e sempre pronto a defender o regimen vigente.

Não impedirá no entanto a sua resolução que uma ou outra vez dê o seu parecer sobre qualquer assunto politico.

O sr. dr. Afonso Costa está muito desgostoso, principalmente por lhe terem assaltado a sua residencia. E' que ele tinha o habito de arquivar toda a correspondencia que recebia, quer a ela tivésse ou não respondido. Possuia, por exemplo, uns livros do pai, que foi um notavel juridico, e muitos desses com anotações, que desapareceram.

Foi isso o que especialmente o desgostou. A sua incomunicabilidade tem sido ultimamente muito rigorosa. Ao principio do captiveiro ainda podia receber algumas pessoas de familia e permutar correspondencia alheia á politica. Hoje, não. Não póde receber ninguem, nem escrever cartas, nem lêr jornaes. Tem uma pessoa de familia actualmente em Elvas que egualmente lhe não póde falar.

O sr. dr. Alfeu da Cruz foi ha dias interroga-lo sobre o caso Bolo-Pachá e sobre os valores que o preso possuia, mas do resultado desse interrogatorio nada se sabe de positivo, oficialmente.

Ha dias foi enviada de Lisboa para o juiz de Elvas uma precatoria para aquele magistrado ir interrogar o preso sobre o que possuía na sua residencia assaltada, visto estar-se instaurando na capital um processo crime contra os assaltantes. O juiz de Elvas perguntou ao sr. dr. Afonso Costa se queria ser parte, obtendo como resposta *que não*. Assistiu á conferencia um alferes.

Posso-lhe afirmar que a atitude do preso é esta: abandonar a politica para sempre. Logo que seja restituido á liberdade seguirá para Badajoz e daqui para França. Irá então para uma recondita aldeia do norte daquela nação, de fórma a ficar o mais proximo possivel do filho.

Tão depressa não quer voltar a Portugal. Tenciona demorar-se alguns mêses em França e quando vier para a nossa capital entregar-se-á unica e simplesmente aos seus trabalhos de advogado notavel, que é.

— O sr. dr. Afonso Costa possue alguns meios de fortuna? perguntei ao meu entrevistado.

— A casa estava muito bem instalada e tinha ali magnificos valôres. Hoje deve ter uns 100 contos e tudo em bilhetes do Tesouro. Desde pela primeira vez que foi para a pasta das finanças que assim foi amealhando o dinheiro.

— Quem irá para chefe do partido democratico?

— Isso por enquanto é problematico. Citam-se vários nomes, mas tudo é prematuro. Os democraticos, não se sabe ainda quando, vão, em Lisboa ou fóra, reunir-se em congresso e só então aí, por eleição, será eleito o novo chefe do partido democratico.

Não se nos dá de apostar que é muito capaz de ser eleito o sr. Barbosa de Magalhães ou então o *dr.* Mariano — velhos *homens politicos, politicos republicanos* e — cá está a exigida e indispensavel circunstancia — *republicanos . . . democraticos!*...

Ao público

João Ramos, desta cidade, vem participar aos seus fornecedores e freguezes que, por escriptura publica de 2 do corrente, lavrada pelo notario ex.mo Dr. André dos Reis, dissolveu a sociedade que mantinha com seu irmão José Ramos para a exploracão da fotografia que girava sob a firma Ramos & Irmão e que haviam montado na rua de Ilhavo, n.º 43.

Portanto, daquela data em diante, nada tem o declarante com os negocios daquela casa, pois o activo e passivo todo ficou a cargo do referido seu irmão.

E a todos participa que dentro de poucos dias abrirá o seu novo *atelier* em logar que previamente anunciará, o qual obedecerá a todos os requisitos da arte moderna.

Aveiro, 3 de Março de 1918.

João Ramos

O problema alimentar

——(*)——

Com razão escreve Daniel Bellet quando afirma que as questões da alimentação por serem sob vários aspectos questões medicas e higienicas, não são as menos importantes nas questões economicas.

Com efeito. Se toda a questão higienica não é mais que um derivado da questão economica, visto que se trata de economisar as vidas humanas, melhorar e ser humano, adapta-lo á hostilidade da natureza, assegurar ao homem a conservação das suas forças vitaes, o problema alimentar tem de categorisar-se como um problema economico de primordial importancia, visto que, como diz Molinari, assegurar ao homem uma boa alimentação é contribuir para a realisação das condições nas quaes cada um poderá fornecer precisamente ao seu organismo em qualidade e em quantidade tudo o que lhe falta para manter a *chama vital*. De resto são as necessidades materiais do homem a base dos fenomenos e das questões economicas. Assim importa evitar o sacrificio das vidas humanas, insuficientemente alimentadas, dando-se lhe a possibilidade de procurar conscientemente as materias alimentares. E' preciso estudar-se a questão da alimentação sob o ponto de vista especial de uma melhor utilisação das materias alimenticias. A alimentação bem compreendida resulta da escolha das materias e a variedade dessas materias representa um papel de extraordinaria importancia e não só a variedade do alimento como a propria variedade nas proporções culinarias. O homem de trabalho, como, de resto, toda a creatura humana, necessita de alimentos azotados ou albuminoides, alimentos hidro-carbonados, alimentos gordos e alimentos mineraes ou salgados. Parecerá um luxo esta questão de variedade, mas ela corresponde a uma melhor e mais completa satisfação das necessidades materiaes, não sendo para desprezar, tambem, o problema da digestão. Higienistas distintos teem, a proposito, discutido a questão das calorias de vários alimentos e as suas conclusões são interessantes e elucidativas. Aconselham a evitar se o perigo de confiar ao estomago e ao organismo muito de materias alimentares *de que ele não saberá que fazer* e que lhe trazem, por consequencia, uma fadiga inutil e assim uma perda de riquezas, absorvidas mas não utilisadas. E' a alimentação nervina a que melhor dispõe o homem para resistir á fadiga, assim como o café, e caldo, as especiarias, adubos, condimentos, um pouco de vinho. No leite e na carne, nos ovos encontraremos os albuminoides de que necessitamos, como no glutem dos cereaes e das leguminosas encontraremos materias necessarias a uma boa alimentação. A gordura encontramo-la na manteiga, nas gorduras vegetaes de animaes. Tambem os legumes e as frutas nos dão o necessario açucar. A batata e outros produtos vegetaes ou animaes fornecem-nos energias de que muito necessitamos.

Alimentação variada, que póde realisar-se desde que criteriosamente saibamos adquirir os generos alimenticios — eis o que nos aconselha Bellet, reportando-se ás opiniões autorisadas dos higienistas de maior nomeada.

N. de C.

Quem diz o que quer...

——(*)——

Sr. Redactor:

Mais uma vez, que espero será a ultima, venho solicitar lhe um cantinho do seu interessante jornal, para a inserção do que segue, fineza que muito reconhecido lhe agradeço.

Sr. Redactor:

Ha pessoas que veem ao mundo pela mesma razão porque nas cem as pulgas, os percevejos, os piolhos, as moscas, os *não rebolu dos* e outros parasitas. Os fins, a inteligencia, a vergonha, o juizo e os sentimentos, em suma, são os mesmos.

A natureza, nos seus incompreensiveis caprichos, marca as sempre, ferretei-as, estigmatisa-as, dando-lhes ao fisico fórmas bizarras, ás vezes de monstro, até.

Ora esses produtos defeituosos, são a escória, o lixo, o guano, a sugidade da sociedade e como tais devem ser considerados.

Um exemplo: V. já reparou para a configuração da cabeça do engenheiro-director das Obras Publicas do distrito de Esgueira? Do eterno aspirante a condutor que, para chegar a ser um reles desenhador, *vulgaris* de Linneu, foi preciso que outros lhe fizessem o exame?

E' uma cabeça digna de estudo para um medico antropologista. Aquela depressão frontal, o desenvolvimento verdadeiramente espantoso da região ocipital, pousando-lhe quasi na lombeira (inveja de muito cidadão de Tuy), depois o perfil de macho lanigero, com aquela enorme papeira a completar essa impressão—ah! é verdade: —não se veem as *volutas* lateraes... mas... mesmo assim... que tal? E' um tipo curioso.

Uma vez visto, não mais esquece. Nota-se que ha ali, sob aquele involucro, obra grossa—a tara.

Ora são destes *jornalistas* que aparecem nas gazetas a censurar este ou aquele, persuadidos de que os tomam a sério, talvez na dôce ilusão de suporem que não são conhecidas as suas pustulas malinas.

São os que mais falam e os mais intransigentes em pontos de moralidade (dos outros) etc., etc.

Um conheço eu que no tempo da monarquia era monarquico *enragé* e que como tal umas vezes engraixava as botas aos progressistas, outras aos regeneradores e outras aos franquistas e — quem sabe?—talvez a todos ao mesmo tempo.

Mudava de partido com a rapidez e a facilidade com que um actor muda de cara numa revista, quando a companhia é pequena.

Era só questão de desconfiar que não lhe atiravam á focinheira com o almejado osso... lá se ia com armas e bagagens.

E esses *gestos* implicavam sempre com *prejuizo* enorme para o partido que o via... partir.

A coisa de ser conductor a muito obriga...

Implantou se a Republica e ele aí está republicano façanhudo e do tempo do Marreca.

Ora a isto é que se chama sacrificio, abnegação, desinteresse, altruismo... e—para quê? para quê?—só para bem servir a Patria!...

Ai esta coisa de querer ser conductor...

No republicanismo abraçou, ao acaso, um partido qualquer, (ele tinha de começar por um). Tem-o honrado bem com o seu nome... com o seu enorme valor moral, intelectual, fisico, recreativo e acrobatico!...

Aquilo é que é!...

Causa pasmo vêr a firmeza, a tenacidade, o *avec* com que ele defende a pretenção da conductorice.

Duma vez, em Lisboa, no gabinete de um ministro a quem um republicano de cotação o apresentou (boa asneira fez), depois desse ministro lhe fazer vêr a impossibilidade de conseguir os seus desejos, por não ter o curso (note-se que, nessa altura, já era a decima milionessima vez que lhe davam a mesma resposta), ele, delicadamente, elegantemente, inteligentemente, diplomaticamente, como é proprio de um homem superiormente burro e inconvenientissimamente desastrado, respondeu lhe, ali mesmo nas bochechas ministeriaes:—Ora... se V. Ex.ª quizesse... era um instantinho!!!...

Quando me contaram esta façanha, lembrou-me, de repente, aquele célebre pedido de desculpa —por estar tanto tempo voltado de costas para V. Ex.ª...

— *Ainda me falas, minha boquinha de anjo?!...*

Ora pois, é verdade, sr. Redactor. Eu, ás vezes, ponho-me a pensar se isto agora, cá neste mundo, será a repetição de coisas e factos sucedidos noutras éras.

Tenho a certeza de que aqui ha uns dez mil anos devia ter havido um gajometro qualquer que, depois de ter assentado praça em mordomo, ter ajudado á missa e escorropichado galhetas, chegou mais tarde a ser juiz dum Santissimo, devido tambem, é claro, á sua grande influencia politica. Ora imaginem a que isto chegou... Até mesmo como Santissimo é preciso ter sorte...

Esse juiz, um belo dia, entendeu que o recheio do cofre da irmandade não se encontrava bem seguro aonde estava. Depois a casa era humida, não dava lá o sol. Ele, por sua vez, não dormia tranquilo... Nada... Pegou no recheio, com a mais candida, evangelica, serafica e economica das intenções e levou o para casa, para o assoalhar... para que lhe não désse o môfo.

Ora aqui está um homem honesto, se vivesse hoje.

Conheço tambem um outro caso, egualmente interessante, mas este é mais recente—ha apenas mil e quinhentos anos que ele *assucedeu.*

Um sugeito qualquer, com a cabeça do feitio de uma abobora machada e com o miolo perfeitamente igual, deu-se ao sultanatico luxo de levar para a sua companhia uma... companheira.

Não cheguei a conhecer... Foi ha 1500 anos!...

Um dia (de boa disposição, por sinal) presentei-a com um terreno, que até foi preciso endireitar, e uma casita para ela morar, etc., cuja construção ele dirigiu tambem, por sinal. Este presente foi em paga de bons, genuinos e autenticos serviços.

Mais tarde, farta de aturar aquele... individuo, zanga-se, zangam-se e ele procura, por todos os meios, retirar-lhe o presente de terreno e casa, chegando mesmo a recorrer aos tribunaes, alegando que tinha sido roubado, que tinham abusado da sua confiança, etc.

O resultado foi o juiz não concordar com aquela refinadissima malandrice (é claro, em face da prova), passar-lhe em pleno tribunal uma destas *escalas* de fazer córar uma estatua de pedra e obriga-lo a pagar custas, etc., e a entregar á cachopa o que lhe queria apanhar.

Isto foi ha mil e quinhentos anos!...

Mas ha mais.

Eu, em historia antiga, sou um barra.

Ha tambem alguns anos, não estou certo quantos, um sugeito chamado Elias, que por sinal tocava rebeca, tinha uma terra que lhe ficava muito distante da sua residencia. Por esse motivo e porque o seu modo de vida não lhe permitia visita-la amiudadas vezes, como desejava e precisava, pediu a um proprietario, seu visinho confinante na tal terra, para lhe reparar por ela, combinando os dois, até, que a extrema que os dividia fôsse endireitada.

O tal visinho da terra do Elias, tambem andava, ás vezes, com bandeirolas e o Elias, coitado, não sabendo de bandeirolas, entregou-lhe cegamente, confiadamente nas mãos. Que olhasse, que endireitasse os comoros e que fizesse como a sua consciencia entendesse.

Ficou tranquilo. Pois se ele se tinha entregado nas mãos de um

homem honrado e honesto, que mais queria?

Passou-se tempo e mestre Elias vai vêr a terra, mas com grande espanto seu verifica que tinha sido roubado numa porção de terreno, em virtude de uma *ingenua* mudança de marcos, feita só com o intuito *inocentemente* geometrico de *endireitar* o terreno...

Sabe, sr. Redactor, o que aconteceu? O sr. Elias não gostou de aquelas *geometrias*, leva a questão para o tribunal, obriga o tal bom e *honesto* visinho a pagar setecentos e tantos escudos (nesse tempo usava-se os mil reis), e, no mesmo tribunal, diante de quem quiz ouvir, incluindo o proprio juiz, chamou-lhe ladrão á descarga cerrada.

Isto é que são *jornalistas e homens politicos* com autoridade para falar dos outros...

Mas ha mais, snr. Redactor. Este mundo é cheio de exemplos.

Estou tambem informado de que um malandro, por embirrar com um certo juiz que, naturalmente o condenou com toda a justiça, falou a um Piolho (Piolho de alcunha) para que escrevesse ao filho, ausente, convidando-o a fazer *desaparecer* esse juiz a troco de 50$000 réis!...

O velhote vai para casa e, muito em segredo, contou á mulher. Esta, repugnando-lhe semelhante acção, fez escarceu, levantou a voz, indignada, a isinhança ouviu, a coisa *rompeu-se*, ventilou-se, ficando sem efeito; o juiz com vida, é certo, mas o outro da farça impune.

Ele ha cabeças impagaveis...

Estou cançado e vou acabar.

Ha mais um moinho e um portão com suas historias; ha mais um presente de metade de um porco e oferecimento de uns votos em paga de umas aguas desviadas ao seu proprietario. Esta vai dar que entender ao patife. Deve preparar mais uns *centitos*, ou ele ou o outro que deu o porco.

Ha mais porcaria, sim, mas eu penso que já deve estar saturado e a precisar de desinfecção.

Vou, pois, acabar, mas não sem dizer o resto. E' a ultima vez e por isso aproveito a ocasião para fazer sentir ao pulha dos pulhas, que não hesitou procurar, para atingir-me, revolver, como as hienas repelentes, a terra de uma sepultura de uns poucos de anos e profanar o tumulo dum velho, para tripudiar sobre as suas cinzas—se gostaria, esse refinado malandro, esse vomito, esse puxo, que ámanhã lhe dissessem que o pae foi o peior de todos os pulhas e a mãe a mais ordinaria de todas as rameiras.

E' até aonde póde descer a indignidade, a infamia de... um ser... *feito á imagem e semelhança de Deus!*...

Ataca-me, malandro, como quizeres, aonde quizeres e quando quizeres, que eu, se estiver para isso, para descer um olhar enojado sobre a tua fedorenta personalidade, poderei, ainda, apesar da profunda indiferença que inspiras, responder-te. Agora mexer nas sepulturas, na paz dos tumulos! Isso não. Respeitemos os mortos e deixemo-los em socego.

De mais tu não tens autoridade para coisa nenhuma, nem para atacares os vivos, nem para nada. Só tens a autoridade que te dá o instinto, para atacares a palha, a erva e—sei lá o quê?—de que mal empregadamente te sustentas.

Tu não tens nada para me atirares, patife. Que sombra te faço eu?...

Que mal te fiz eu?

E's um doido mau, cheio de vaidade, com a mania da importancia.

Ninguem te toma a sério. Riem-se de ti nas tuas costas colégas teus, correligionarios teus, todas as pessoas que te conhecem e com quem lidas—podes disso ter a certeza.

Tu que queres, afinal?

Queres ser conductor? Queres ir para a Câmara?

Vai antes para um convento e o diabo que te leve.

Já me esquecia daquele aviso ao sr. dr. Lourenço Peixinho.

Então tu queres comparar-te com ele?!...

Pedaço d'asno...

Fale, seu Mendes...

Aveiro, 28—2—1918.

C. Mendes

P. S. — Esquecia-me, sr. Redactor, dizer aqui e bem alto, que é redondamente falso o que escrevia a *Razão* sobre o facto de eu *devassar correspondencia de pessoas já mortas, não obstante os rogos em contrario da familia*.

Repito: é falso e provo-o com o proprio testemunho dessa familia.

Só um refinado malandro e pulha é que póde atirar para a publicidade com uma infamia dessa ordem.

Procurem outra...

C. M.

ACHÀM POUCO

Os jornaes do Porto de 5 do corrente, publicam a seguinte informação fornecida pela policia:

A policia fez esta madrugada uma diligencia da qual resultou a apreensão dum saco contendo espingardas, que tinham sido passadas para fóra dum quartel desta cidade. Essas armas foram aprendidas num jardim publico, onde acabavam de ser escondidas entre as plantas. Foram presos vários individuos, entre eles um guarda civil ha poucos dias expulso, que rondavam as imediações do jardim, certamente no proposito de se apossarem do armamento.

Tambem foi detido um cocheiro que dentro do *coupé* levava uma porção de fio de cobre, telefonico, e um corta arame. Declarou que tinha andado com uns individuos da classe civil e um militar.

Aos presos foram apreendidos alguns documentos importantes.

Tambem foi detido um cabo de infantaria 6 que andava dentro dum *coupé*, sósinho, tendo percorrido vários pontos da cidade. Foi-lhe apreendida uma importante quantia em dinheiro.

Ora se estes *patriotas* fôssem liquidados a seguir á proeza, desapareceriam, por certo, imitadores futuros.

A politica no exercito, foi tambem um dos grandes actos do democratismo.

Democratizar tudo atravez de tudo era o grande sonho que, afinal, não passará de sonho!

Democratizar assim, bem entendido...

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 6

O crime de Mamodeiro

Não se desvaneceu nem se desvanecerá tão cêdo a impressão causada pelo traiçoeiro assassinato do infeliz creado do sr. Joaquim Marques Saraiva, o pobre Amadeu, tão prematuramente sequestrado á vida, póde-se dizer que no desabrochar da existencia, e sem que ninguem stine com a origem do crime, visto a vitima ser um rapaz pacato, respeitador, por completo desprovido de intuitos belicosos, como não sucede a outros, ás vezes, ponderonosos, da sua idade.

Com efeito, quem previa um acontecimento desta naturêsa? Quem havia de dizer que ao Amadeu das Neves estava reservada semelhante sorte? Ele que não fazia mal a ninguem, que não provocava ninguem, que era um pacato por condição e por naturêsa?

Foi, todavia, assassinado! Dois tiros, que partiram do escuro quando o desditoso moço transpunha o pórtal duma cabana onde costumava dormir, feriram-no de tal sorte que momentos depois o faziam prostrar na casinha do predio do patrão até onde ainda conseguiu arrastar-se, gritando, com a mão sobre o peito, que o tinham morto. E realmente assim era. Uns minutos decorridos e a vida extinguiu-se-lhe sem que désse tempo á mais leve tentativa de salvamento.

Resta agora descobrir o assassino, tarefa em que a policia se empenha desde que teve conhecimento do inesperado drama. Serlhe-á facil? Por ventura João Gonçalves, que a voz publica indigita como unico autor da morte do Amadeu, será, de facto, aquele sobre quem hade insidir a justiça dos homens? Vê-lo-êmos. Nas suas mãos o tem já. Resta que das averiguações colha o indispensavel ou para o criminar, de modo que sirva de exemplo a lição a inflingir ao cobarde assassino da inditosa creança, ou para o restituir á liberdade no caso de estar por completo isento de culpa.

Nós aguardâmos e... falaremos conforme o que se apurar.

—— Sabemos que os nossos lavradores este ano estão pouco resolvidos a arrendar os seus terrenos para chicoria.

E' uma grande coisa. Milho, milho é o que se precisa e eles prestarão um grande beneficio nos tempos calamitosos que atravessâmos se o semearem em abundancia, afim de que ao menos nos não falte o pão de cada dia.

O snr. Elias Vieira, ali de S. Bento, possue um vasto terreno de 20 alqueires de semeadura, mesmo em frente á Farmacia Ribeiro, que anda agora a preparar para nele fazer uma vasta sementeira de batata. Oxalá outros o imitassem, contribuindo desta maneira para atenuar, quanto possivel, a crise pavorosa que o país atravessa.

—— O petroleo acabou por estes sitios, voltando-se ao uso da antiga candeia.

Se algum ainda existe nos estabelecimentos vendem-no a 40 centávos o litro, preço que comparado ao do carboneto, ainda não chega a ser caro.

—— Vitimado pela tuberculose, faleceu na Oliveirinha o snr. Manuel Marques de Oliveira, de 42 anos.

Residiu bastante tempo em Lisboa.

—— Em serviço forense, passou por esta localidade o considerado causidico de Aveiro, snr. dr. André Reis.

—— Na noite de segunda para terça-feira choveu torrencialmente e a contento dos lavradores.

—— Foi hoje acometido dum acidente o guarda 19 da policia judiciaria dessa cidade, a quem prontamente socorreu o distinto clinico sr. dr. Abilio Marques.

C.

Azurveira, 27 de fevereiro

Tendo sido presa no dia 24 Madalena Ferreira, solteira, proprietaria, deste logar, freguezia de Bustos, por ter furtado, dizem que tres chales ao snr. Manuel Simões Aires, informam-nos que na ocasião em que lhe foi passada uma busca á casa ainda lá encontraram mais 4 chales, 2 pares de chinelas novas, 3 pares de tamancos, uma peça de bosl com 15m,5, uns poucos de metros de chita, alguns metros de metros de riscado, 6 carros de linhas, uns poucos de metros de fita preta encarnada, bordados, guarnições de sêda, duas sombrinhas, 5 chapeus de mulher, 5 rodilhas, 3 enchadas, 3 cordas, uma forquilha e ainda outros artigos que foram depositados em casa do sr. José Samagaio.

Pois apezar deste sudario a detida não se conservou na administração de Oliveira do Bairro mais do que meia duzia de horas, estando portanto apta para outras proêsas.

Já lá viram uma coisa destas?

C.

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias)	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	6 centavos
Comunicados	4 »

Anuncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.